

**RICARDO GONÇALVES**

**IPÊS**

**MONTEIRO LOBATO & C.<sup>IA</sup> - EDITORES**  
**RUA STA. EPHIGENIA, 3-A ☛ S. PAULO**





RICARDO  
GONÇALVES

IPÊS

Monteiro Lobato & C<sup>ia</sup> Editores São Paulo



RICARDO GONÇALVES

IPÊS  
VERSOS



MONTEIRO LOBATO & Cia. EDITORES  
RUA BOA VISTA, 52 — S. PAULO



*Ricardo Gonçalves*



## PREFACIO

*Na lama da estrada, ao pé da porteira, uma orla de pétalas côr de ouro — flores de ipê? — engrinaldam as pôcinhas d'agua côr de telha.*

*Mas ao chape-chape do cavallo que se aproxima, ó linda revoada de borboletas amarellas dentro de cujo arabescar eu passo!*

*Tontinhas !...*

*Como me vêem afastar socegam, e uma a uma pousam de novo, asas a prumo, immoveis, como flores de ipê dispostas em grinalda.*

*A saudade commenta dentro em mim :*

*— Um soneto de Ricardo . . .*

\* \* \*

*De bruços no remanso de um pôço á sombra de ingazeiros, de cuja galhaça pendem bainhas retorcidas — peludos eserinios duma polpa que fur-*



tou á neve a côr e ao velludo o macio — contemplo um grupo de guarús espiando, resabiados, uma “vaquinha” de elytros verde gaio, que cahiu na agua e bóia pernejando.

Um João-bôbo tocaia-me de perto, inclinando a cabecita.

Rumoreja longe o rio, na corredeira.

Bisbilhos, cicics, tentativas de som grypham o silencio sombrio da grotta.

E a saudade “pensa” dentro em mim :

— Versos de Ricardo . . .

\* \* \*

Bordejando a ilha das Palmas destiza a canôa no berylo liquido da costeira.

Manuel rema á popa, Juvenal á prôa.

Como é loquaz o Manuel !

Não tem fim a historia da tintureira que embicheirou um dia, lá pelas alturas da Moéla.

Afla o mar como um seio de menina agitado dos primeiros sustos de amor.

Está calmo, está macio.

Sopram brisas de sudoeste.

Duas gaivotas, immoveis, na lage do Major, longe, descansam juntinhas, como pombas . . .

Só uma nuvem no céu . . . E a diluir-se, estirada em frouxel de paina . . .

— As tainhas !

Vólto o rosto.

A boreste, linguas de prata, ás dezenas, emergem do liquido, scintillam, instantaneas, á luz do sol, num salto, e caem de chapa na agua azul.

— Que lindo !

Não tarda muito, rebóla um bôto na esteira do peixe.

E outro bôto.

E outro.

Somem-se as tainhas.

Somem-se os bôtos.

E o mar fecha aos nossos olhos a chacina sangrenta que lhe vae no bojo.

Fementido !

Todo plagios do céu por fóra, todo dramas de carnagem por dentro . . .

— Manuel, Manuel, diz a minha saudade, está faltando aqui um companheiro, o Ricardo...

— O Ricardo Pequeno, da praia do Góes ?

— Não, o outro, o grande — Ricardito... (1)

\* \* \*

A casa onde móra aquella

Menina côr de açucena

E' uma casinha pequena,

Casa de porta e janella.

Ricardo mede versos na mesinha em desordem,



*As janellas enquadram a paineira florescida do Minarete. (2)*

*A espaços, uma fiôr se destaca e cae, girante. Godofredo Rangel, ás voltas com a machina de café, resmunga contra o Nogueira. (3) Não é que o patife passára a noite a lêr um Zola á luz azul da chamma do alcool, depois de consumido o ultimo côto de vela ?*

*A-ca-son-de-mó-ra-qué...*

*— Não ha combustivel, senhor poeta !*

*— Accende estes "Dez Contos". (4)*

*— Pegarão fogo ?*

*— Experimenta. A-ca-son-de-mó . . .*

*E as flores, uma a uma, cahiam, girantes...*

*E as rimas, uma a uma, ageitavam-se no verso . . .*

*E os contos, um a um, ardiam sob a cafeiteira . . .*

*Passos na escada. Um grito.*

*— Ricardo ! Rangel !*

*— Vé, Bompard ! (5) respondem de cima.*

*Era o Candido (6) que chegava, e o Raul (7) e o Arthur. (8) A cainçalha (8) integrava-se e a uma voz estrugia, num desafio a Baucaire (10) o nosso hymno de guerra :*

*Dé brin o dé bran*

*Cabussaran . . . (11)*

*Mal agonizavam as ultimas notas do "hymno do Minarete" (12), da mesinha em desordem evolvava-se um novo :*

*A-ca-son-de-mó-ra-qué...*

*Porque nunca mais deixaram de associar-se, em meu espirito e em minha saudade, a Poesia e o Poeta, taes os conheci um dia, no Minarete — elle medindo versos na mesinha em desordem, ella a revelar-se nas flôres côr de rosa que, aos beijos da brisa, cahiam, girantes, da nossa grande paineira florescida . . .*

MONTEIRO LOBATO

(1) Ricardito, era como o tratavam na intimidade a familia e os amigos.

(2) O Minarete... Quantas saudades !...

Um pequeno ehalé amarello, no Belemzinho, fronteiro á rua Cezario Alvim.

Inda existe, conservando bastante do character primitivo ; é a casa numero 372 da rua 21 de Abril.

Occupavamos o andar superior, composto de dois compartimentos apenas, e como das janellas se dominasse a cidade de todos os lados, baptizamo-lo — o Minarete. Os «muezzins» eram Ricardo, eu e Godofredo Rangel, autor, mais tarde, dessa obra prima que é «Vida Ociosa». Muezzins, porque «officiavamos nas aras da arte» e pré-gavamos aos povos a «verdade esthetica»... Os povos não nos ouviam, nem sabiam da nossa existencia, mas tudo era sonho em nossa vida.

No quintal da casa, muito amplo, visto que naquelle tempo a cidade morria alli e as ruas, hoje construidas, não passavam de simples arruamentos, cobertos de mato, com trilhos de vaccas e sebes marginaes de roseira silvestre, erguia-se a «nossa» paineira. Objecto de perenne contemplação para Ricardo, ora núa de folhas e apen-



doadas de fructos oblongos, ora recamada de flores rosas que attrahiam todos os colibris da vizinhança, era essa paineira a nossa arvore querida, a musa vegetal do poeta.

- (3) José Antonio Nogueira, esse a quem hoje devem nossas letras o «Amor Immortal» e o «Paiz de Ouro e Esmeralda», formosissimos compendios de idéas sob fórma de romance.

Nogueira adherira ao nosso grupo, logo após á crise mental que o arrancou ao seminario mineiro onde estudava para padre. A eterna historia. Cahira-lhe nas mãos um Voltaire, um Renan, um raio de racionalista qualquer e toda a igreja da crença, haurida no berço e «escholastizada» no seminario, desmoronara fragorosamente.

Incapaz de mentir a si proprio, deixou a theologia e veiu espiar do Minarete o mundo. Tudo em S. Paulo era para elle novidade e assombro, o borborinho das ruas, as mulheres galantes, a electricidade, o sorvete... Jamais sahido de Minas, com a meninice e a juventude aphyxiadas no «in-pace» da educação jesuitica, estranho espectáculo offerencia esse resurrecto, alto, magro, anguloso, cheio de braços, cabellos em desalinho, olhos de espanto, roupas inda dos «Pools» de Tres Corações do Rio Verde, especie de propheta biblico posto de subito em plena Cosmopolis. Era Nogueira um montão de escombros em procura dum novo systema de equilibrio mental.

Reconstruía-se, restaurava as idéas devastadas pelo tufão da critica. Lia furiosamente, exgottava a lista inteira dos sublimes excommungados do «Index».

Não conseguia, porem, vencer o vinco do mysticismo e sob a obsessão das causas primarias chamava-nos de continuo á liça.

Cortávamos-lhe a phrase com risadas scepticas, e piavamos :

— Inda estás em Volney, homem? Que rabada! Olha que já todos aqui vogamos em alto Nietzsche...

— Mas a verdade já brilhava no Ramayana. Valmiky...

Novas gargalhadas.

— A verdade! Só aqui no Minarete ha tres — as «nossas» verdadezinhas...

Nogueira não se affazia ao espectáculo da população da Paulicéa borborinhante na labuta mundana; queria-a contemplativa, na meditação diurna e nocturna das cau-

sas primarias (não dizia Deus), e chegou a pensar na fundação de um credo novo, mixto de catholicismo e sciencia. Ricardo cochichava para os visitantes espantados que o viam assim fatal e soturno :

— Caluda! Está incubando o decalogo da religião nova que vae fundar no Braz...

Nessa epoca travára Nogueira relações com Zola. Atirado á cama, a grenha desfeita pela testa abaixo, o ar feroz, taciturno, devorava um Zola por dia, lançando as brochuras sugadas para debaixo da cama. As vezes entrava a leitura pela noite a dentro, até consumir-se o ultimo toco de vela. E se o lance empolgava, á falta de vela recorria elle á garrafa de espirito de vinho que Rangel trazia sempre ao lado da cafeteira e continuava a ler á luz vacillante da chamma azul do fogareiro...

- (4) Livro mediocre de um literato de barbica no queixo muito popular em S. Paulo naquella época de pobreza literaria.

- (5) Houve um periodo em que Ricardo e seus companheiros de minarete «viveram» o «Tartarin de Tarascon», de Daudet. Sabiam de cór o livro e como levavam a vida ao ar livre, em interminaveis passeios pelos campos dos arredores, tudo propiciava essa estranha maluquice. Ricardo era o Tartarin; Rangel, Bezouquet; Candido Negreiros, Bompard; Arthur Ramos, Pascalon. Havia até o «chameau» — aquelle camello que acompanhara Tartarin á França; era um menino frangote, filho do inquieto do andar terreo, que tinha a mania de rentar a Ricardo, sem dizer palavra. Viver um romance, um romance d'aquelles... Pois vivemol-o, mezes a fio. Muitos annos mais tarde, da ultima vez que perambulei com elle em S. Paulo, antes de dobrar uma esquina, lá nas Perdizes, Ricardo, recordando-se do tempo feliz, entreparou, na attitude defensiva de Tartarin e exclamou olhando para mim com o olhar truculento :

— « Eux »

E pela ultima vez nos rimos, com uma saudade infinita do periodo de ouro da nossa vida...

- (5) «Vé! Té!» Ainda reminiscencias do Tartarin. Sempre que nos encontravamos a saudação era essa.

— Vé, Bompard!

— Té, Bezouquet!

Quando algum dos companheiros que moravam na cidade vinha ao Minarete, mal transpunha o portão do



jardim já levava a mão á bocca, em porta-voz, e desferia o «Vé»! Surgia logo á janella um dos muezins, que retrucava com solemnisimo «Té»!

- (6) Candido Negreiros, o primeiro desertor da rodinha de Ricardo. Falleceu na Suissa em 1909 deixando no grupo um vazio imprehensivel.
- (7) Raul de Freitas, companheiro inseparavel de Ricardo cujos versos sabia todos de cór. Muitas vezes, em nossos passeios, quando o poeta, a recitar, perdia o fio, Raul retomava-o, como memoria de sobresalente que era de Ricardo.
- (8) Arthur Ramos, outro companheiro de Ricardo, por quem tinha um verdadeiro fanatismo. Companheiro fiel de todas as horas, sobretudo das dolorosas e das perigosas.
- (9) O grupo de Ricardo denominou-se um dia — «a cainçalha». Ricardo era o cão que ladra á lua; Raul, cão de collo, cachorrinho de estimação; Lobato, «bull-dog»; Lino Moreira, cão que ladra e não morde; Tito Brasil, cachorro; Nogueira, cão de frade; Albino de Camargo, o Cunegundes (um cão de rua, vagabundo, que nessa época vivia em S. Paulo pelos cafés), e por ahi além.
- (10) Como no romance de Daudet havia a rivalidade velha entre Tarascon e Baucaire, os vivedores do romance crearam tambem uma Baucaire: o Braz, cidade infame onde pontificava o literato de barbica e mais uma catterva de «incomprehendidos» cuja imbecilidade corria parelha com a presumpção.
- (11) Grita de guerra dos tarasconezes, que quer dizer, supponho eu: — por bem ou por mal serão despejados da janella de Tarascon para dentro do Rhodano.
- (12) Rangel compoz uma toada para o hymno do Minarete, o qual outra cousa não era senão a grita de Tarascon com leve alteração no fim.

Dé brin o dé bran  
Cabussaran  
Dou fenestroun  
de Tarascoun  
Dedins lou Rose

Em vez «dou fenestroun de Tarascon dedins lou Rose»

o nosso hymno resava: «dou fenestroun de Minaroun dedins lou Tetiose».

Em vez de Rose entrava o Tetiose, provençalização do Tieté, em cujas aguas sujas a cainçalha jurára afogar a pandilha inteira dos vates do Braz...

M. L.



AQUARELLA

A casa onde mora aquella  
Menina côr de açucena,  
É uma casinha pequena,  
Casa de porta e janella.

Tão pequenina e singella!  
Ao vel-a, a idéa me acena  
De quebrar o bico á penna  
E fazer uma aquarella.



Pintar a casa, a collina,  
Mas sobretudo a menina,  
O ar socegado e feliz,

Dando relevo á pintura,  
Numa ridente moldura  
De cravos e bogaris.

NHA CAROLA

*A d. Olga*

Arrepanhando o vestido  
De chita azul, nha Carola,  
Põe feijão na caçarola  
Para o almoço do marido.

Dorme um cachorro estendido  
Á porta da casinhola;  
Gritam gallinhas de Angola  
No terreiro bem varrido.



Emquanto chia a panella,  
A moça vae á janella,  
A ver si o marido vem.

Mas entra logo zangada  
Porque na volta da estrada  
Não apparece ninguem.

## MEIO DIA

Preso á cintura o vestido,  
Mostrando a perna trigueira,  
Junto de um ipê florido,  
Bate roupa a lavadeira.

Sol de braza; ouve-se o ruido  
Cantante da corredeira;  
Vozes ao longe, um latido...  
O baque de uma porteira.



Subito, em côro, as gallinhas  
Cacarejam nas visinhas  
Moitas de macega, em baixo.

E ouve-se o guincho estridente  
Que no ar socegado e quente  
Solta um gavião de pennacho.

### ZÉ DA PONTE

*Ao Monteiro Lobato*

Em doce transparencia côr de opala,  
Expira a tardesinha; o sol descamba,  
E o Zé da Ponte enfia-se num pala,  
Monta a cavallo e toca para o samba.

Toca depressa, mas um lóro estala,  
Foge-lhe o pé direito da caçamba,  
E o socado, com a silha um pouco bamba,  
Pelas ancas, precipite, resvala.



E o Zé da Ponte, cabra destorcido,  
Pião macóta, segundo a voz do povo,  
Para longe da sella foi cuspidor.

“Dianho de sorte má!” Caiu sem fala,  
Perdeu a pagodeira e um ponche novo,  
Naquella tardesinha côm de opala.

## SERÃO

Noite; silencio lugubre e completo.  
No rancho de paredes barreadas,  
Uma velha caipira conta ao neto  
Coisas de assombração e almas penadas.

Correm as lagartixas pelo tecto,  
E o pequeno, as pupillas dilatadas,  
Ouve a historia macabra do esqueleto,  
Que foi visto a dansar pelas estradas.



Na rêde, os olhos fitos na fogueira,  
Uma bella morena feiticeira  
Sonha com sapateados e fandangos.

Mas a velha se cala de repente,  
Porque lá fóra ouviu, distinctamente,  
Um soturno queixume de curiangos.

### O BATUQUE

Vagas constellações de pyrilampos  
Ponteiam de oiro a densa noite escura.  
Ha um tragico silencio na espessura  
Dos mattagaes e na amplidão dos campos.

O batuque dos negros apavora.  
Anda o sacy nas moitas, vagabundo,  
E almas penadas, almas do outro mundo,  
Passam gemendo pela noite em fóra.

Só, no ranchinho de sapé coberto,  
Encosto o ouvido á taipa esburacada,  
E ouço um curiango que soluça, perto...

Lambe a fogueira os ultimos gravetos,  
E pela noite rola, maguada,  
A cantiga nostalgica dos pretos.

### O RANCHO

No trecho em que a estrada vira,  
Junto ao matto que farfalha,  
Existe um rancho de palha,  
Tosca habitação caipira.

Dentro, as panellas, a rêde  
De dois ganchos pendurada,  
Uma espingarda troxada  
E santos pela parede...



Ao fundo, a macega esconde  
 O ribeirão de águas claras,  
 Onde bebem veados, e onde  
 Há lontras e capivaras.

É noite. O fogo flammeja  
 No rancho, espancando a treva,  
 E o caboclo a voz eleva,  
 Numa trova sertaneja.

E de uma idade já morta  
 Aspira todo o perfume,  
 Sentado junto da porta,  
 Olhando as chispas do lume...

## DE MANHA

*A Godofredo Rangel*

Atiro para os ombros um capote,  
 Monto a cavallo e sigo estrada afóra.  
 Ri-se, corando meigamente, a aurora,  
 Entre nuvens de fogo e chamalote.

Anda por tudo um phrenesi de festa.  
 Scindindo a bruma leve dos espaços,  
 Vão-se trefegos bandos de sanhaços  
 Para o *Te-Deum Laudamus* da floresta.

Descem as caipirinhas para a fonte,  
Vão-se para a capina os camaradas,  
E ha cantigas de amor, doces toadas,  
Num cafezal que sobe pelo monte.

Penetro numa rustica vereda  
Junto ás limpidas aguas de um regato,  
— Tremula fita rútila de seda —  
Que vae torcicollando pelo matto.

O céu azul parece de velludo,  
A relva tem cambiantes de amethysta,  
E o rio, a ponte, as perobeiras, tudo,  
Que pábulo divino para a vista!

Encontro um caçador junto ao caminho  
Negaceando os "nambús": má catadura,  
A tiracollo a bolsa e o polvarinho,  
Chapéu de palha e faca na cintura.

Agora é uma paineira resoante  
Da garrulice matinal dos ninhos,  
Em cuja fronde enorme e vicejante  
Ha flores, borboletas, passarinhos.

Aqui, por uma aberta da espessura,  
Vejo dos tangarás a alegre danza,  
Uma orchidea de um tronco se pendura,  
Um picapau num galho se balança.

Depois de uma porteira é um descampado;  
Sobe aos ares o fumo de uma choça;  
Passa um homem por mim: vae para a roça,  
Pés descalços, camisa de riscado.

Caminho mais. O sol abre a pupilla  
No alto dos céus, e já bem perto avulta,  
Entre paineiras altas, semi-oculta,  
A branca torre da matriz da villa.



Vêm para a missa grupos campezinos,  
Rincha um carro moroso pela estrada,  
Emquanto vibra na manhã doirada  
O festival repinicar dos sinos.

## MANHÃS DE OUTRORA

Antes que o sol, em pleno céu, mais quente,  
Esgarçasse da bruma a leve trama,  
Eu me quedava preguiçosamente  
Sob os lençóis, na tepidez da cama.

Invadiam-me o quarto, pelas frestas,  
A doce luz pulverizada e loura,  
O matinal sussurro das florestas,  
O bulício das terras de lavoura;

Gritos de appello em prolongado entono,  
 Carros de bois rinchando nos caminhos,  
 A cantiga singela de um colono,  
 A matinada estridula dos ninhos;

Ladrar de cães e vozes abafadas,  
 Coinchos, berros, balidos, cacarejos,  
 E, acompanhando o rythmo das enxadas,  
 Uma triste canção de sertanejos...

Depois, o sol limpava os céus nevoentos,  
 E então, fugindo á ardencia dos seus raios,  
 Passavam para a serra, barulhentos,  
 Taralhando febris, os papagaios.

E eu pensava nas formas tão perfeitas  
 Daquella esquiva moça veneziana,  
 Que vira na labuta das colheitas,  
 E amava, como um doido, ha uma semana.

Olhos tristes, saudosos de outros climas,  
 A bocca pequenina — uma framboeza,  
 Voz de crystal a debulhar-se em rimas,  
 — Colona, parecia uma princeza!

Não tinha mais frescura a madrugada  
 Nem mais vivo esplendor que o riso della  
 Quando, esbelta, fugia, arrebatada  
 Na vertigem veloz da tarantella!

E eu punha-me a sonhar: “Ventura a minha,  
 Si por acaso um dia lhe beijasse  
 O til vermelho vivo da boquinha,  
 A setinosa purpura da face.”

Mas batiam á porta: — “O sol vae alto!  
 Acorda, preguiçoso”! E, á voz amiga,  
 Eu, resolutto, erguia-me de um salto,  
 Gorgeiando alegremente uma cantiga.



FAZENDA VELHA

Neste retiro os longos dias passo,  
Sem alegrias e sem dissabores,  
Vendo as aves cruzarem-se no espaço  
E as paineiras vestirem-se de flores.

Habito, solitario, uma vivenda  
De amplos salões, phantastica e sombria.  
Em redór, as senzalas da fazenda;  
Ao fundo, o vulto azul da serrania.

A' orla do matto virgem mysterioso,  
No silencio das tardes pensativas,  
Gemem as juritys de volta ao pouso  
E trillam docemente as patativas.

Eu vejo, debruçando-me ás janellas,  
Sobre a monotonia das capoeiras,  
Altos ipês de frondes amarellas  
E adustas, retorcidas perobeiras.

Depois, no céu de opala se encastoa  
A lua merencorea. E pelos campos,  
Por sobre as aguas mortas da lagoa,  
Tremeluzem, bailando, os pyrilampos.

Ha sussurros extranhos pela brenha.  
Fóra, a noite estival fulge, tão clara  
Que, como em prata fôscas, se desenha  
No pincaros de um monte uma jissara.

E eu entro. Atiço o lume de gravetos.  
E, ouvindo ao longe uns pavidos rumores,  
Evoco a dansa tragica dos pretos,  
Num rufo de atabaques e tambores.



A DANSA DOS TANGARAS

Na matta aromal, que é um templo,  
Cheio de sombra e de paz,  
Horas perdidas comtemplo,  
Sobre um relvoso tapete,  
Esse engraçado minuete  
Que dansam os tangarás.

Canta um sabiá na espessura  
 A merencorea canção.  
 Limpo de nuvens, fulgura,  
 Entre o rendilhado crivo  
 Das arvores, o festivo  
 Azul de um céu de verão.

E, sob um tecto odorante,  
 Se aduna o bando jovial:  
 Tem um pennacho o marcante;  
 O correjo somnolento  
 Murmura o acompanhamento  
 Com trinclidos de crystal.

Na matta umbrosa, que é um templo,  
 Cheio de aroma e de paz,  
 Horas perdidas contemplo,  
 Sobre o tapete da relva  
 A maravilha da selva,  
 A dança dos tangarás.

### A SCISMA DO CABOCLO

*A Valdomiro Silveira*

Scisma o caboclo á porta da cabana.  
 Declina o sol, mas, rúbido, espadana  
     Ondas fulvas de luz.  
 No terreiro, entre espigas debulhadas,  
 Arrulham, perseguindo-se a bicadas,  
 Dois casaes de pombinhos parirús.



A criação de pennas se empoleira ;  
 Come a ração no cocho da mangueira  
     Um velho pangaré.  
 E uma vacca leiteira e bois de carro  
 Pastam junto á casinha, que é de barro,  
     Coberta de sapé.

Longe, uma tropa trota pela estrada.  
 E a viração das mattas, impregnada  
     De perfumes subtis,  
 Traz dos grotões, que a sombra, lenta, invade  
 O soturno queixume de saudade  
     Das pombas juritys.

Scisma o caboclo. Pensa na morena  
 Que vira numa noite de novena  
     Orando ao pé do altar.  
 Que vira... e que, por mal de seus peccados,  
 Tinha os olhos profundos e rasgados  
     E um riso de matar.

Branco, de fôfos, era o seu vestido.  
 E elle, ao vê-la, sentindo-se ferido  
     Em pleno coração,  
 Baixinho suspirou : "Nossa Senhora !  
 Ai, meu São Bom Jesus de Pirapóra  
     Da minha devoção !"

Depois não se conteve e, num fandango,  
 Furtou-lhe um beijo aos labios de morango  
     O diabo do rapaz.  
 E ella volveu zangada : "Malcriado !  
 Seu vigario já disse que é peccado.  
     Aquillo não se faz !..."

E o caboclo medita. O sol em chamma  
 Como agora ha pouquinho não derrama  
     Ondas fulvas de luz.  
 O correjo soluça, a noite desce,  
 E vem dos capoeirões onde anoitece  
     O trilo vesperal dos inambús.

A' GEGÊ

Ouve essa voz de mystica doçura,  
A doce voz do sonho em que te agitas;  
Beíja a legião de loiras cabecitas  
Que te circumda a face branca e pura.

Sorri, longe da humana desventura!  
O berço azul-celeste em que dormitas,  
— Esse ninho de rendas e de fitas —  
É o paraiso, ó fragil creatura!



Dorme! Não chega ao berço em que adormeces  
O éco da nossa vida, entrecortada  
De grandes maguas e paixões refeces.

Assim, dorme feliz, longe dos gritos,  
Longe dos ais que solta na jornada  
A caravana immensa dos afflictos!

## INNOCENCIA

*Ao Roberto Moreira*  
(Para o teu filhinho)

Eu sei de certos senhores  
Que desdenham, serios, graves,  
O doce aroma das flores  
E o terno canto das aves.

Rudes, a alma empedernida,  
Não sei de emoção que os vença:  
Desconhecem — dôr immensa! —  
O que ha de melhor na vida.

Não sabem que ás vezes cura  
Desalentos, desenganos  
A buliçosa ternura  
De um cherubim de dois annos,

Nem quanta meiguice espelha  
O doce riso innocente  
De uma boquinha vermelha  
Que espera o primeiro dente.

## AS AVES

*A uma menina*

Não fugira da gaiola  
O sabiá, si adivinhasse  
Todo o pranto que te rola  
Pelas covinhas da face.

E comtudo as aves... pensa  
Que ellas têm filhos e ninhinhos...  
Imagina a dôr immensa  
Dos miseros passarinhos!



Imagina que supplicio  
 Quando ouvem, por uma fresta  
 Da prisão, todo o bulicio  
 Das alvoradas em festa!

Prendel-as... que crueldade!  
 As avésinhas, querida,  
 Precisam de liberdade,  
 Porque a liberdade é a vida.

Precisam voar pelos ares,  
 Como eu, creança, preciso  
 Do sol desses teus olhares,  
 Do mel desse teu sorriso.

Prendel-as? Ora, avalia  
 Si teu pae por um momento  
 Tem a louca phantasia  
 De encerrar-te num convento.

Vamos, querida, liberta  
 As aves! Coragem! Vamos!  
 Deixa a portinhola aberta,  
 Solta aquelles gaturamos;

Solta esse canario esquivo  
 Que já não sáe do poleiro.  
 E' tão triste ser captivo!  
 Tão penoso é o captiveiro!

Tira a corrente de prata  
 Dos pés desse periquito.  
 Que nostalgia da matta  
 Não tem elle, o pobresito!

Assim; agora é preciso  
 Que tambem tu soltes, louca,  
 As patativas do riso  
 Da gaiolinha da bocca.

UMA CRENÇA

Graciosa e pequenina,  
Que lindo o seu cabelo ondeado e loiro !  
A mãe beija-lhe a bocca purpurina,  
Que a filha, essa menina,  
E' todo o seu thesoiro.

A graça que tem ella  
Unida a uma expressão mimosa e casta !  
Olhar em que a bondade se revela ;  
E a meiguice, pois que para ser bella  
A perfeição não basta !



No absconso pardieiro  
 Triste, que a luz do sol jamais procura,  
 A pobresinha canta o dia inteiro.  
 E' como um passarito prisioneiro  
 Numa gaiola escura.

Como um canario canta,  
 A sua doce voz beija e consola  
 E á cantiga que sáe dessa garganta,  
 O sol, um sol piedoso se levanta,  
 Aquecendo a modesta casinhola.

A santa mãe, que fervorosa prece,  
 Costurando, solícita, murmura,  
 Ante a voz infantil que anima e aquece,  
 Fica extática a ouvir e até se esquece  
 De que a persegue immensa desventura.

Absorta, os olhos humidos de pranto,  
 Escuta a meiga e tremula ballada:  
 Ergue-se então e, interrompendo o canto,  
 Fecha-lhe a bocca rubra e delicada  
 Num beijo sacrosanto.

Mas ah! si ella soubesse  
 O destino da ingenua creatura  
 Que os seus dias tristissimos aquece,  
 Com que fervor alevantara a prece  
 Que seu labio murmura!

E tu, si num olhar doce e profundo  
 Desses teus olhos — humidas saphiras —  
 Pudesses ter num rapido segundo  
 A visão das miserias deste mundo,  
 Decerto não sorriras!

O pae que fôra expulso da officina  
 Vivendo na taberna,  
 A velha mãe tão doente, tão franzina!  
 Ai! que será de ti, pobre menina,  
 Quando te falte a protecção materna!

A ARVORE

*Para as creanças das escolas*

Salta do leito e vem cá fóra,  
Vem ver esta arvore, sonora  
De murmurinhos e canções.  
O sol nascente a afaga e beija,  
E as suas frondes purpureja  
Com seus vivissimos clarões.



Anda-lhe em torno, alacre, um vivo  
 Zumbir de insectos ; pelo crivo  
 Das folhas verdes fulge o sol ;  
 E entre cortinas viridentes,  
 Zinem cigarras estridentes,  
 Tecem aranhas o aranhol.

Depois, a pino, o sol escalda,  
 E a sua copa de esmeralda  
 E' como um pallio protector,  
 A cuja sombra, ampla e divina,  
 Cantam as aves, em surdina,  
 Cantos dulcissimos de amor.

Ama-a ! — toda a arvore é sagrada —  
 Ama esta esplendida morada  
 De abelhas de oiro e aves gentis !  
 Busca entender tanta poesia,  
 E faze côro á symphonia  
 Da natureza, que a bemdíz !

Ama-a, na gloria matutina,  
 Entre os vapores da neblina,  
 Que toda a envolvem, como véus,  
 Cheia dos prantos da alvorada,  
 Ou melancolica, estampada  
 No oiro e na purpura dos céus...

E reza então : « Bemdita sejas  
 Por tuas frondes bemfazejas,  
 Pelos teus canticos triumphaes,  
 Por tuas flores e perfumes,  
 Pelos teus passaros implumes,  
 Por tuas sombras maternas »

O RIO

*Fara as creanças das escolas*

Rio sonoro que as planicies banha  
E enche de rumorejos a floresta —  
Foi seu berço uma rocha na montanha,  
Teve uma origem simples e modesta.

Era, em começo, um tímido regato  
De meiga voz e de agua crystallina :  
Desalterava os passaros no matto,  
Beijava o caule ás flores na campina.



As andorinhas leves e graciosas  
Molhavam na corrente as asas pretas  
E roçavam por elle, buliçosas,  
Numa doce caricia, as borboletas.

Veza em veza, uma inquieta saracura,  
Sahindo, cautelosa, do brejal,  
Da sua face luminosa e pura  
Mirava-se no limpido crystal.

Assim cresceu, e agora, sem descanso,  
Rega os campos, fecunda as plantações  
E ora colleia preguiçoso e manso,  
Ora estronda em profundos boqueirões.

E rubro — quando o sol tinge o horizonte  
Alvo — do plenilunio á luz tranquilla,  
Marulha sob os arcos de uma ponte,  
Reflecte as casas brancas de uma villa.

Leva a abundancia ao lar dos pescadores,  
Move engenhos, carrega embarcações  
E deslisa entre benções e louvores,  
Através de cidades e sertões.

A CHUVA

*Para as crianças das escolas*

Estamos em Janeiro.  
É todo um atoleiro  
O leito das estradas.  
E a chuva cáe violenta,  
Na terra lamacenta,  
Em bâtegas pesadas.



Ha uma tristeza immensa  
 Por tudo — e a gente pensa  
 Que o sol não torna mais,  
 Após dias inteiros  
 De rijos aguaceiros,  
 De rudes temporaes.

O olhar pelas alturas  
 Só vê nuvens escuras...  
 Exulta o lavrador:  
 Correi pelas chapadas,  
 Fecundas enxurradas,  
 Diluvio bemfeitor!

Justo é que a chuva amiga  
 O lavrador bemdiga:  
 A chuva lhe vem dar  
 Mais viço ao arvoredado,  
 Mais flores ao balseado,  
 Mais pomos ao pomar.

Rouco sibile o vento,  
 Caia do firmamento  
 A chuva em borbotões;  
 E desde o valle á serra  
 Encharque, alague a terra,  
 Fecunde as plantações.

Nestas rechãs, que agora  
 A agua avassaladora  
 Cobre como um lençol,  
 Verdes e farfalhantes,  
 Os milharaes pujantes  
 Hão de sorrir ao sol.

Justo é que a chuva amiga  
 O lavrador bemdiga:  
 A chuva lhe vem dar  
 Mais viço ao arvoredado,  
 Mais flores ao balseado,  
 Mais pomos ao pomar.

MIMO DE CAÇADOR

Á hora em que a treva aos poucos se adelgaça,  
Naquelle dia, de manhã, bem cedo,  
Buscando as fortes emoções da caça,  
Rumo da céva entrei pelo arvoredó.

E, antes que o sol rompesse a bruma escassa,  
Fui pôr-me de tocaia, ancioso e quedo,  
Alli onde o córrego, ondulado, passa  
Entre o massambará, quasi em segredo.



Em breve um ruflo, um galho que estalida,  
Um tiro... e após, de uma árvore visinha,  
Cáe nas folhas um passaro sem vida.

E é assim que agora posso dar-te, ufano,  
— Mimo de caçador, senhora minha! —  
Este vermelho papo de tucano.

UMA VELA QUE PASSA...

Longe, um barco de pesca á viração desfralda  
A vela, e singra ao sol que rompe a escassa bruma,  
Rumo desses ilhéus que o maroiço engrinalda  
Com seus flocos de espuma...

Foge... graciosamente enfunada, palpita  
No horizonte lilaz, como um passaro exul...  
Depois se afasta e é uma asa branca na infinita  
Curva do mar azul.

Primeiro amor! sonho formoso de creança,  
Cheio de luz, cheio de unção, cheio de graça!  
És tu na curva azul de um mar todo bonança  
Uma vela que passa...

FUMANDO...

Sobe em volutas a fumaça.  
Em torno a mim tudo descança.  
Tinhas na voz tamanha graça...  
Era tão fulva a tua trança...  
Porque será que esta lembrança  
O coração me despedaça?



Branca, aromal, trajando luto,  
Vens do passado. Em brandas queixas,  
A tua voz, que treme, escuto.  
Beijo-te as fúlgidas madeixas...  
Mas porque vens, porque não deixas  
Minh'alma em paz, um só minuto?

Sonhos, delirios... a doçura  
De uma afeição correspondida...  
Raios de sol e noite escura,  
Assim passava a nossa vida;  
Ora, uma lagrima dorida,  
Ora, um sorriso de ventura...

Crepuscular melancolia...  
Um vago aroma de verbena.  
Ao longe, um sino, que plangia,  
Dava o signal para a novena...  
E eu te beijava a mão pequena,  
E o teu olhar esmorecia...

Onde esse andar cheio de graça?  
Onde o torsal dos teus cabellos?  
Como a tenuissima fumaça,  
Que sobe aos ares em novellos,  
Os sonhos bons, os pesadelos,  
Tudo passou... pois tudo passa.

## NAVEGANTES

Ha homens, doce amada que me escutas,  
Que se vão para longe de seus lares,  
Através de tormentas e de luctas,  
Através de florestas e de mares.

Partem-se elles em busca de riquezas,  
Embarcados em frageis caravelas,  
Sem temerem do mar as incertezas,  
Sem temerem a furia das procellas.



Uns levam dentro d'alma angustiada  
 Em que soluça o adeus da despedida,  
 A lembrança da noiva idolatrada,  
 A saudade da esposa estremecida.

Um, que riquezas e thesouros sonha,  
 Mesmo através do sonho que o domina,  
 A paizagem natal bella e risonha  
 Leva constantemente na retina.

Outros, sem que uma lagrima saudosa  
 Lhes humideça a face endurecida,  
 Deixam por uma vida aventureosa  
 Uma tranquilla e venturosa vida.

E todos têm de rútilas chimeras  
 A alma povoada ; e, aguas em fóra,  
 Vão-se as veleiras naus, vão-se as galeras  
 Para um desconhecido que apavora.

Mares innavegados e bravios, —  
 A inclemencia dos ventos e das vagas,  
 A principio ; depois... climas doentios  
 E perniciosos de longinquas plagas ;

Fome e sêde, calores suffocantes,  
 Emanações de brejos deleterias,  
 E a seguir-lhes os passos vacillantes  
 Um cortejo de dores e miserias...

E vão-se... e um vento fresco de bonança  
 Tral-os de volta, um dia, á verde enseada,  
 A' verde enseada conhecida e mansa,  
 Donde partiu a frota empavezada.

E os loucos Argonautas atrevidos,  
 Que se foram em busca de um thesouro,  
 Voltam desanimados e vencidos,  
 A alma vasia, as mãos vasiaas de ouro.

Tambem eu fiz-me ao largo, assim como elles,  
Na minha escuna pelo mar da vida...  
Volto... mas onde os sonhos? onde aquelles  
Extraordinarios sonhos da partida?

Onde as montanhas de ouro refulgente,  
E os bosques de coral e de saphira?  
Essa região ideada pela mente  
Do poeta sonhador que tudo aspira?

Volto, exanime e triste, á bella enseada,  
A' abra feliz donde parti creança,  
E trago a minha nau desarvorada,  
Sem a flammula verde da esperança.

## TRADUCCÕES



DO "INTERMEZZO"

(HENRI HEINE)

I

Tu tens o estio na face,  
O inverno no coração ;  
Na face, a estação do riso,  
No peito, a negra estação.

Mas não tarda que isso mude.  
Mudada serás... e então,  
O inverno terás na face,  
Terás no peito o verão.

## II

As violetas do olhar, a deliciosa  
 Papoula da boquinha perfumosa,  
 Da face illuminada as açucenas  
 E o suavissimo lyrio transparente  
 Das mãosinhas fidalgas e pequenas,  
 Esses vicejam prodígiosamente,  
 Pois secco e murcho é o coração apenas.

## III

Procurei, minha amada, no jardim,  
 O lugar em que um dia  
 Teu mentiroso labio repetia  
 Que o nosso amor jamais teria fim.

O peito apunhalado pela dôr,  
 Quiz ver esse recanto  
 Em que desfiaste as perolas do pranto  
 E me deste, creança, o teu amor.



Dona dos olhos grandes côm do mar,  
Dona dos grandes olhos penitentes :  
Venenosas serpentes  
Achei nesse logar.

## DOENTE

(L. STECCHETTI)

O crâneo se me estala. Estou doente.  
Força e vigor já os musculos não têm.  
Magro, febril, padeço horrivelmente,  
Mas quando penso em ti me sinto bem.

Mas quando penso em ti, doce creança,  
Foge-me a dôr e volve-me a esperança.  
Quizera a morte para não soffrer,  
Mas quando penso em ti, quero viver.

SERENATA

(FRANÇOIS COPPÉE)

Prometteste-me, pequena,  
Para esta noite serena  
Um beijo da bocca tua,  
Por isso bem devagar  
Acabo de escorregar  
Do céu num raio de lua.



Iremos sem fazer ruido  
 Pelo atalho percorrido  
 Tantas vezes — que prazer !  
 Iremos pelo caminho  
 Escutando o borbórinho  
 Das correntes, sem as ver.

E para termos um guia  
 Através da ramaria,  
 Na paz nocturna dos campos  
 Onde tudo é triste e bello,  
 — Na noite do teu cabelo  
 Collocarás pyrilampos.

### FREMITOS DE AMOR

(JEAN RICHEPIN)

Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.  
 Traz-me a brisa, entontecedor,  
 Um bafejo aromal de jasmíns e de rosas.  
 Plangem de manso, no ar, musicas mysteriosas,  
 Cheias de um cálido langor.  
 Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.

E ai! é tão longe a terra, as praias tão distantes!  
 Adeus, adeus, lindas amantes!  
 Trança em que me prendi — laço cheiroso e brando—  
 Bocca de onde arranquei meu coração sangrando,  
 Tão longe! Adeus, carnes em flor!  
 Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.

A estas recordações meu sangue moço estúa.  
 Aromas, compaixão! Desapparece, ó lua!  
 Ventre alvo, seios nús, sustae vossa vingança!  
 Adeus, ó bocca! adeus, ó trança!  
 Adeus, adeus, carnes em flor!  
 Na sombra, junto a mim, ha fremitos de amor.

## DO "CYRANO DE BERGERAC"

(EDMOND ROSTAND)

ACTO I, SCENA IV

CYRANO

Elegancias? tambem as tenho... moralmente.  
 Si não me enfeito como um fôfo peralvilho,  
 Sou mais limpo, apesar de ser menos casquilho.  
 Nunca ninguem me viu, tendo, por negligencia,  
 O coração manchado ou manchada a consciencia,  
 Levando a Dignidade andrajosa e rasgada,  
 Ou alguma affronta que não fosse bem lavada.  
 Sim. Tudo em mim reluz, refulge. Intemerato,



A Franqueza e a Lealdade, eis as plumas de ornato  
 Que ostento no chapéu. Não é um talhe bem feito :  
 E' minh'alma que eu trago esbelta, que endireito  
 E aprumo como quem aprumasse a estatura ;  
 Em vez de laços, tenho acções de alta bravura ;  
 E, assim como o bigóde, o espirito cofiando,  
 Os grupos atravesso e, entre elles, agitando  
 As verdades brutaes que tinem como esporas.

## II

## ACTO I, SCENA V

## CYRANO

Oh ! dize que esperança eu posso ter com tal  
 Super-desmesurado appendice nazal ?  
 Não me illudo. A minh'alma, ás vezes, se entenece  
 Na hora azul em que a tarde expira e a noite desce...  
 Penetro num jardim : que perfumes subtis  
 Haure este malfadado, este pobre nariz !  
 E' Abril, o doce mez... passam dois namorados,  
 Um casal, junto a mim... eu os vejo enlaçados

E penso que também poderia trazer  
 Suspenso de meu braço um corpo de mulher...  
 Um vulto feminino que em meu braço descança...  
 Um beijo... uma carícia... o aroma de uma trança...  
 E esqueço-me de tudo, e não sei o que penso,  
 E, de repente, vejo estampar-se, ai de mim!  
 A sombra colossal do meu nariz immenso  
 No muro do jardim.

LE BRET (*commovido*)

Meu pobre amigo!...

CYRANO

Sim! sou bem digno de dó,  
 Sentindo-me tão feio, às vezes, e tão só!  
 Tu não podes saber quanto soffro... que de horas  
 Amargas e crueis! que supplicio!

LE BRET

Tu choras?

CYRANO

Não, chorar, isso não! seria tão grotesco  
 A lagrima a rolar no dorso gigantesco  
 Do meu pobre nariz!... Jamais consentiria  
 Essa enorme abjecção, tamanha grosseria!  
 A lagrima! não ha nada mais bello, nada,  
 E eu não quero que em mim provoque a gargalhada.

III

ACTO II, SCENA IV

RAGUENEAU

Tortasinhas de amendoa e modo de as formar

Batam-se bem alguns ovos  
 — Inda novos;  
 Nas ondas que a espuma trouxe  
 De cidra o summo se deite,  
 Grosso leite,  
 Bom leite de amendoa doce.



Passe-se dentro da lata  
 Fresca nata  
 Em fôrmas de bom-bocado;  
 De damasco a borda peje-se;  
 E despeje-se  
 Gotta a gotta, com cuidado,

Tudo na fôrma, de fôrma  
 Que essa fôrma  
 Vá para o forno; e, rendendo-a,  
 Sigam-se as outras; sahindo,  
 Venham vindo  
 As tortasinhas de amendoa.

## IV

II  
 ACTO III, SCENA VIII

CYRANO

Mas que fazer então?  
 Buscar um protector poderoso, um patrão?  
 Ser como a hera que enlaça o carvalho robusto,  
 E lambe-lhe a cortiça e trepa então sem custo?  
 Usar, para attingir o cimo desejado,  
 De astucia em vez de força? Oh! não, muito obrigado.  
 Entrar para o canil dos poetas rafeiros,  
 Como elles dedicar versos aos financeiros

E fazer de bufão para que um potentado  
 Haja por bem servir? Oh! não, muito obrigado.  
 Almoçar cada dia um sapo sem ter nojo,  
 Rustir o ventre por andar sempre de rojo,  
 Ter a rótula suja e fazer menos mal  
 Promptas deslocações da columna dorsal?  
 Obrigado. Trazer o incensório suspenso  
 A um ídolo que viva entre nuvens de incenso,  
 Ganhar celebridade, applausos e corôas  
 Num círculo de trinta ou quarenta pessoas?  
 Navegar, tendo em vez de remos madrigaes  
 E, a tufarem-me a vela, os suspiros fataes  
 Das velhas, num derriço? Obrigado, obrigado.  
 Ganhar fama de autor por haver publicado  
 Meus versos, mas pagando o livro aos editores,  
 Obrigado. Viver de esmolas e favores,<sup>1</sup>  
 Ser papa nas reuniões que, em baiúcas sem nome,  
 Fazem alguns sandeus? Ver si alcanço renome  
 Com um soneto, si tanto, em vez de fazer mil,  
 Achar muito talento em qualquer imbecil?  
 Obrigado. Ter medo aos jornaes, ser amigo  
 De elogios, dizer de mim para commigo:  
 «Ah! si o meu nome vier no *Mercurio francez!*...»  
 Calcular, ter na face impressa a pallidez  
 Dos poltrões, preferir fazer uma visita  
 A bordar, carinhoso, uma estrophe bonita,  
 Ser da matilha, hedionda e vil, dos pretendentes,

Redigir petições e mendigar presentes?  
 Obrigado. Obrigado. Obrigado. Obrigado.  
 Mas... cantar, mas viver num sonho alcandorado,  
 Calmo e feliz, o olhar seguro, a voz vibrante,  
 De quando em vez, e, por capricho, petulante,  
 Por de través o feltro, e, por um quasi nada,  
 Dar um beijo na Musa ou dar uma estocada.  
 Nem um verso escrever que a mim me não pertença,  
 E, apesar disso tudo, uma modestia immensa:  
 Pagar-me com uma flor, ou um fructo appetecido,  
 Comtanto que no meu pomar seja colhido.  
 E, em summa, desdenhando a hera vil que se esconde,  
 Não conseguindo ser o roble, cuja fronde  
 Mora perto do Azul e distante do pó,  
 Subir pouco, mas só, completamente só.



## V

ACTO III, SCENA X

CYRANO

Um beijo? Mas que vem a ser um beijo ao certo?  
 E' um juramento feito um pouco mais de perto,  
 E' uma confissão de amor, que bem depressa  
 Queremos confirmada. O beijo é uma promessa,  
 E' um segredo que toma a bocca pelo ouvido,  
 Momento divinal, que faz como um zumbido  
 Caricioso de abelha. O beijo, meu amor,  
 E' uma communhão, tendo gosto de flor,  
 Maneira deliciosa e maneira inebriante  
 De haurir-se todo o aroma a um coração amante,  
 E de gosar-se uma alma, á flor de uns labios quentes.

.....

## SONHOS MORTOS

(LECONTE DE LISLE)

Olha, amigo : este mar, que ora assim vês tão manso,  
 Bateu, como um ariete, um dia, sem descanso,  
 Os promontorios ; foi aos saltos, em cachões,  
 Escalando, subindo as rochas e sobre ellas  
 Extendeu a bramir, no fragor das procellas,  
 O espumoso lençol dos negros vagalhões.

Agora o encrespa a fresca brisa matutina.  
 A beleza do sol as aguas illumina  
 E longe, em direcção desse horizonte infindo,  
 Onde passam, nadando, embarcações remotas,  
 Vae-se da costa azul, o páramo scindindo,  
 Em tremula revoada, um bando de gaivotas...

Alli boiam, porem, contornando os ilhéus,  
 Destroços de naufragio ; e esses que os escarcéus  
 Assassinaram vão, sob as ondas pesadas,  
 Lividos, a sangrar, de costas ou de bruços,  
 A bocca aberta transbordante de soluços,  
 Olhos vitreos, olhando as aguas socegadas.

Meu coração é como esse mar que, tranquillo,  
 Beija as praias agora em doce murmurillo.

Tambem chorou, rugiu como elle... Sem descanso  
 Contra as rochas lançou-se em tremendos embates,  
 Todo um dia cruel de insania e de combates.  
 Vês ? — Agora reflue apaziguado e manso ;  
 Sem desejo ou temor de nova tempestade,  
 A' caricia do sol a voz mal se lhe escuta,

Mas o genio, a esperanza, a força, a mocidade,  
 Eil-os mortos na espuma e no sangue da lucta.



OS ELEPHANTES

(LECONTE DE LISLE)

O areial infinito é como um rubro oceano,  
Que resplandece, mudo, em seu leito espraído.  
Ondula, immoto, o céu côr de cobre, do lado  
Do horizonte em que habita o formigueiro humano.

Nem rumor e nem vida... O leão, farto, descansa  
No antro afastado, em meio aos mattagaes infindos.  
Vae beber a girafa esguia á fonte mansa,  
Que a panthera conhece, ao pé dos tamarindos.

Dorme tudo. Siquier um passaro no ar quente,  
 No ar em que gira um sol de fogo, um sol em chamma ...  
 A's vezes, com volupia, adormida serpente  
 Faz ondular, morosa, a rutilante escama.

O ar inflammado queima. O calor é mais denso.  
 E, bamboleando a massa — intrepididos viajantes,  
 Rumo do ermo natal, pelo deserto immenso,  
 Vão-se, num bando escuro, os tardos elephantes.

Vêm elles do horizonte ensanguentado e quieto,  
 Vêm levantando o pó, que em nuvem grossa ondeia,  
 E, para não sahir do caminho mais recto,  
 Desmoronam com a pata os comoros de areia.

Velho chefe, talvez, é o que á frente caminha :  
 Rugosa como um tronco a pelle do seu dorso ;  
 E' um rochedo a cabeça . . . O arco immenso da espinha  
 Dobra-se, com violencia, ao mais pequeno esforço.

Os passos não estuga e tambem não lardeia  
 Que os passos pelos delle o bando inteiro marca.  
 E, deixando após si fundos sulcos na areia,  
 Seguem todos, atraz do velho patriarcha.

Seguem, levando a tromba apertada entre os dentes,  
 As orelhas em leque. O ventre bate e fuma...  
 E o suor delles produz uma ligeira bruma  
 No ar cheio de tavões e de insectos ardentes.

Mas, que importam a sêde e o calor suffocante ?  
 Que lhes importa o enxame importuno que esvoaça ?  
 Vae o bando a pensar numa selva distante  
 — Primeira habitação da primitiva raça.

Vae rever uma selva umbrosa o escuro bando...  
 E a caudal em que nada o hippopotamo enorme,  
 E onde, brancos de luar, iam beber, quebrando  
 Os juncos marginaes com a grande pata informe.



La vão... E a linha escura e phantastica ondeia...  
La vão elles, molgando as juntas, lentamente,  
Mas passam... e depois fica immovel a areia,  
Passam... e depois fica o deserto sómente.

## A P P E N D I C E

### NOTA

Ricardo Gonçalves nasceu em 1883 e muito cedo revelou-se poeta. Aos quatorze annos já deu fortes mostras da sua sensibilidade esthetica em versos imperfeitos quanto á forma embora dos mais ricos em poesia espontanea. As produções reunidas neste appendice são dessa epoca e para ellas chamamos a attenção sympathica do leitor que poderá adquirir uma idéa perfeita da sua evolução poetica.

MANHÃ

Densa neblina envolve a serrania.  
Vem nascendo a manhã. Debeis rumores  
Partem da matta em férvida alegria,  
Partem da matta a transbordar de flores.

Canta na roça, onde a araponga pia,  
A alegre turma dos capinadores.  
O sol de Maio, rútilo, irradia,  
E faz da terra um prisma de mil côres.



Gorgeiam aves, sacudindo o orvalho,  
Cortam do espaço o límpido arrebol,  
E vão pousar bem longe, noutra galho.

Da nevoa o manto dissipou-se agora ;  
Cheio da messe a lourejar ao sol,  
Rechina um carro pela estrada afóra.

1903.

PASSEIO

Vamos pelos atalhos divagando.  
Vamos bem devagar, tão de mansinho  
Que, em nos vendo passar, a ave do ninho  
Ponha a cabeça fóra e fique olhando.

Que as borboletas, num iriado bando,  
E o buliçoso e arisco passarinho,  
Em nos vendo passar pelo caminho,  
Continuem nas moitas adejando.

Iremos, passo a passo, olhar perdido,  
Tu, segurando a cauda do vestido,  
Eu, aparando a palha de um cigarro.

E na volta, si virmos casualmente  
Com seu carro de bois o tio Vicente,  
Voltaremos de pandega no carro.

1901.

### JEQUITIBÁ

Nesta chapada verde em que teu vulto impera,  
Hoje de cada moita uma voz se levanta  
Para cantar a vida ; e a vida em cada planta,  
A vida em cada arbusto, esplendida, exhubera.

Porem, tu já morreste. Embalde a primavera  
Volta e, para saudal-a, a natureza canta.  
Que importa si teu vulto a passarada espanta !  
Que importa, velho rei, si o machado te espera ? !



Morreste ! Nunca mais, como nos tempos idos,  
Verás na primavera os teus galhos floridos,  
Terás como tiveste arvoredos copados.

E tu já foste rei de uma antiga floresta,  
E hoje, invalido e só, nem ao menos te resta  
Um sabiá que te cante as canções do passado..

1900.

ALVURAS

Os colonos na faina da capina  
Cantam além, num cafezal formado.  
Rincha um carro de bois. Vem do intrincado  
Seio da matta o som de uma buzina.

Com virginaes alvuras de noivado,  
Na encosta pittoresca da collina,  
Fulgem ao sol, que a todas illumina,  
As casinholas brancas do povoado.

Bimbalham sinos religiosamente  
Na capellinha branca. Ha muita gente  
De rosto compungido em cada porta.

E, á luz do sol, que rútilo scintilla,  
Vae pela rua principal da villa  
O esquife branco de uma noiva morta.

1900.

### O POMBO

O sabiá titubeante e a jurity plangente  
A rola e o tangará, no seio redolente  
Da matta secular, em prazenteiro bando,  
Cantam ao vir do sol ou quando o sol no poente  
Vae aos poucos tombando.

Depois, si a noite chega, e ao longo dos caminhos  
Soluçam noitibós, as aves de seus ninhos  
Vão buscar o aconchego e a tepidez macia,  
Sem ver que a chuva cáe... felizes passarinhos!  
E que a noite é sombria.



Lá fóra o vento agita as franças do arvoredo,  
E a matta é silenciosa e o céu é torvo e tredo;  
A rola está em seu ninho, os filhotes lá estão,  
Pode a chuva cair, que as aves não têm medo  
Da chuva e do tufão.

Nasce o dia porem e acordam na floresta  
Mil rumores subtis num fremito de festa.  
O sol aponta ao longe, além da serra, além...  
E o grito dos anuns e os da araponga mesta  
Annuncial-o vem.

Rumores de cascata á sombra hospitaleira  
De alto jequitibá, de frondosa mangueira,  
A frescura da matta e o livre espaço infindo,  
Que existencia feliz... que existencia fagueira,  
Ai que viver tão lindo!

Mas o pequeno mundo de pequenos entes,  
De avezinhas gentis que vivem tão contentes,  
Vê afinal com terror chegar á matta um dia  
De caçadores vis — monstros surprehendentes —  
Luzida companhia.

Soluça a jurity, canta a araponga mesta,  
Cheias da inspiração que a luz do sol empresta.  
Saltitando gentil e sacudindo o orvalho,  
Uma pobre viuvinha, uma viuvinha lesta  
Vôa de galho em galho.

Mas, subito, o arrulhar tão doce e apaixonado  
Da jurity, que chama o companheiro amado  
Para as luctas do amor, resôa além... distante...  
E o pombinho feliz, gentil Romeu alado,  
Parte no mesmo instante.

Parte, bem longe paira. O doce arrulho cala.  
Rebôa de repente um estampido e a bala,  
Que parte do fuzil, vae rispida esfusiando,  
Folhas derruba ao ramo e rapida resvala  
Num corpo miserando.

E agora do pombinho inanimado jaz  
O delicado vulto. E nunca... oh! nunca mais,  
A floresta ha de ouvir o seu cantar saudoso  
Quando, á tardinha, vão as aves, aos casaes,  
Em busca do seu pouso.

1900.

AVES DE ARRIBAÇÃO

Um dia, pelo inverno, os passarinhos  
Aos primeiros pallores da alvorada,  
Abandonam em doida revoada  
A tepidez plumosa de seus ninhos.

Deixam a antiga habitação, de arminhos  
E de pennas finissimas forrada,  
E vão-se para longe dos caminhos,  
Através da floresta embalsamada.



O' aves descuidosas e felizes  
 Que o benefico sol da primavera  
 Demandaes noutros climas e paizes,

Aves de arribação, trefego bando,  
 Eu tambem vou partir... mas quem me dera,  
 Mas quem me dera ir como vós cantando!

1904.

NO "MINARETE"

Pela janella um céu de Maio. Leve  
 Perfume de jasmins. Rechina um carro.  
 Contemplo o rendilhado que descreve  
 No espaço o fumo azul do meu cigarro.

Lá fóra, aos bambuaes segreda o vento  
 Uma doce ballada commovida.  
 Oh! repousa afinal meu pensamento:  
 Não penso em cousa alguma desta vida.

Tenho uma idéa negra? Logo a varro  
Do cerebro e de subito ella passa  
Como passam as nuvens do cigarro.

*Dolce far niente!* O pensamento agora  
E' leve como as nuvens de fumaça,  
Como as nuvens do fumo se evapora.

1903.

"TESORO MIO" ...

(Valsa de Besucci)

Porque será que as doces melodias  
Que brotam do teclado,  
Levam minh'alma aos venturosos dias,  
Aos venturosos dias do passado?

Vem-me de longe magica fragrancia  
Que a um tempo venturoso me transporta,  
Doce illusão da minha doce infancia,  
Doce illusão ha tanto tempo morta!



Ouço na igreja o bimbalar do sino.  
 Perseguem-se andorinhas no telhado,  
 Ó meus dias felizes de menino,  
 Ó santas illusões do meu passado !

Para onde foi esse viver risonho,  
 Essa ave de oiro que em meu peito havia,  
 A repetir baixinho, noite e dia,  
 A cavatina módula do sonho ?

De amores tive o peito constellado :  
 Eu era pequenino, ella pequena ;  
 Ó *santinha* do altar do meu passado,  
 Ó perfume das noites de novena !

E as lembranças dulcissimas da infancia  
 Para minha saudade redivivas,  
 Surgem nos horizontes, á distancia,  
 Como um bando de pombas fugitivas.

1900.

## OLHOS PRETOS

Teus grandes olhos pretos e formosos,  
 Teus grandes olhos são como dois lagos,  
 Onde nadam desejos voluptuosos,  
 Onde boiam volupicos afagos.

Na travessia destes procellosos  
 Mares da vida, escuros e presagos,  
 Teus grandes olhos pretos e formosos  
 São para mim a estrella dos Reis Magos.

Sol, auroras, crepusculos e luas  
Recebem sua luz dos teus olhares,  
Que são a luz dos meus febris sonetos.

E eu, si ainda tenho risos para a vida,  
E' que eu a vejo, doce flor querida,  
Pela pupilla dos teus olhos pretos !

1900.

### PRIMEIRO AMOR

A asa que passa, num celeste arpejo,  
O nome teu repete, ó linda flor !  
E conta a historia do primeiro beijo  
A' luz do sol, ao doce aroma e á côr.

Primeiro beijo do primeiro amor,  
Que acalantar as nossas almas veio,  
Mas, que partiu depois, partiu... Maldade  
Maldoso amor ! deixando-nos no seio  
O áspide venenoso, que é a saudade.



A serpe venenosa e trahidora  
 Abandonou-se em languido repouso.  
     Dorme agora  
 Em nossos corações fartos de goso.

Porem, oh sim! ha de acordar um dia,  
 Quando sentirmos a asa do desejo  
 Cantar numa celeste melodia  
 A doce historia do primeiro beijo.

E então, nesse momento, a asa que passa,  
 E a luz do sol, e o doce aroma, e a côr,  
 Repetirão talvez com terna graça  
 A louca historia do primeiro amor.

1898.

SÓ

Que noite, santo Deus! A espaços relampeja,  
 E retumbam trovões. Collo o rosto á vidraça:  
 Na rua cenagosa e triste ninguem passa,  
 Atra melancolia o céu plumbeo poreja.

E eu, tão longe de ti... sósinho, no remanso  
 Da alcova, em quanto fóra estronda a tempestade,  
 Sinto dentro do peito, a soluçar, de manso,  
 Queixoso, o bandolim de uma extranha saudade!...

1904.

VISÃO

Na rosea nuvem de um sonho,  
Chegas. Minh'alma te vê...  
Mas, a visão doce e casta  
Rapidamente se afasta,  
Sem que tu saibas porque...

Foge... e logo sobre a alma  
Pesado manto de treva  
A dôr estende minaz.  
E essa nuvem que te traz,  
A mesma nuvem te leva...



Não quero que me visites,  
 Meu descorado jasmim,  
 Quando nesta lucta insana,  
 Feroz alcatéa humana,  
 Vocifera junto a mim...

Mas só, no meu quarto, á noite,  
 Fico instantes que nem sei...  
 Haurindo o aroma celeste  
 Das flores que tu me deste  
 E dos beijos que te dei.

1899.

### HISTORIETA

Quando a alma é todo um thesouro  
 De illusões, de sonhos bellos,  
 Erguendo airosos castellos,  
 Amaste um principe louro !

Como um pagem das balladas  
 Era esbelto e sobranceiro,  
 Tinha a altivez de um guerreiro  
 E usava esporas douradas.

Mas tu, radiosa creança,  
Com elle não foste á igreja,  
Pois que nunca a gente alcança  
Aquillo que mais deseja.

E eu disse num tom profundo :  
— «Oh! devaneios crueis!  
São muito raros no mundo  
Os principes e os donzeis.

Donzel do louro cabelo,  
Aureo sonho de menina,  
Que nunca a sorte mofina  
Te converta em pesadelo!»

Depois, tendo o peito em lavas,  
Amaste furiosamente  
Um *dandy* bem differente  
Do principe que sonhavas.

Mas o «leão» que era o mais lindo  
Mancebo da fina roda,  
Morreu mais tarde vestindo  
Um fato fóra da moda.

E eu disse num tom profundo :  
«Amae, amae, corações!  
Ao mundo das illusões  
Não chegam vozes do mundo.

O' peralvilho modelo,  
Sonho de moça e menina,  
Que nunca a sorte mofina  
Te converta em pesadelo!»

Passou-se algum tempo. Os fados  
Levaram-te, flor querida.  
Hontem meus olhos pasmaços  
Encontraram-te na vida.



Não vinhas só. Compassado,  
Um sujeito narigudo,  
Giboso, torto, ventruado,  
Vi caminhando a teu lado.

Era uma figura suina,  
Um monstro informe, um camello,  
O teu sonho de menina  
Convertido em pesadelo.

1905.

### O CIGARRO

Fumo um cigarro, acompanhando attento  
As espiraes macabras da fumaça,  
Que sobe para o tecto, e se adelgaça,  
E perde-se afinal pelo aposento.

E emquanto ulula, fóra, a voz do vento,  
Seguindo o rendilhado que ella traça,  
No coração não sei o que se passa,  
Mas adormeço as maguas um momento.

Oh ! quantos sonhos, quantas maravilhas  
O perfumado fumo das Antilhas  
Faz-me sonhar em noites hibernaes !

Dá-me de novo o que eu perdido havia,  
Dá-me de novo os sonhos e a poesia  
Daquelles tempos que não voltam mais.

1902.

### TUMULO

Modesta cruz de pau numa clareira,  
Onde pipilem trefegos sanhaços;  
Modesta, sim, mas que uma trepadeira,  
Para enfeitá-la, cinja-lhe os dois braços.

E que eu repouse alli, na hospitaleira  
Sombra do bosque, livre de cansaços,  
Como quem, pelas horas da soalheira,  
Foge da estrada aos cálidos mormaços.



Eil-o o tumulto simples que ambiciono  
 Para deitar a carne fatigada,  
 Para dormir o derradeiro somno.

Como serei feliz no meu jazigo!  
 Aves, flores, a matta embalsamada,  
 E eu a dormir, eu a sonhar contigo...

1905.

## INDICE

### IPÊS

Prefacio . . . . .	5
Aquarella . . . . .	15
Nha Carola . . . . .	17
Meio dia . . . . .	19
Zé da Ponte . . . . .	21
Serão . . . . .	23
O batuque . . . . .	25
O rancho . . . . .	27
De manhã . . . . .	29
Manhãs de outrora . . . . .	33
Fazenda velha . . . . .	37
A dansa dos tangarás . . . . .	41
A scisma do caboclo . . . . .	43
A' Gêgê . . . . .	47
Innocencia . . . . .	49
As aves . . . . .	51
Uma creança . . . . .	55
A arvore . . . . .	59

O rio . . . . .	63
A chuva . . . . .	67
Mimo de caçador . . . . .	71
Uma vela que passa . . . . .	73
Fumando . . . . .	75
Navegantes . . . . .	79

## TRADUCÇÕES

Do "Intermezzo": I . . . . .	85
II . . . . .	86
III . . . . .	87
Doente . . . . .	89
Serenata . . . . .	91
Fremitos de amor . . . . .	93
Do "Cyrano de Bergerac" I . . . . .	95
II . . . . .	97
III . . . . .	99
IV . . . . .	101
V . . . . .	104
Sonhos mortos . . . . .	105
Os elephantes . . . . .	109

## APPENDICE

Manhã . . . . .	115
Passeio . . . . .	117
Jequitibá . . . . .	119
Alvuras . . . . .	121
O pombo . . . . .	123
Aves de arribação . . . . .	127
No "Minarete" . . . . .	129
"Tesoro mio" . . . . .	131
Olhos pretos . . . . .	133

Primeiro amor . . . . .	135
Só . . . . .	137
Visão . . . . .	139
Historieta . . . . .	141
O cigarro . . . . .	145
Tumulo . . . . .	147



---

Typ. Soc. Edit. Olegario Ribeiro - R. Abranches, 43 - S. PAULO